

Instantes Cruzados

Episódio 5

Os limites de uma câmera

Fotografia de Zé Medeiros

Fotógrafo convidado: Roger Cipó

Direção Sergio Bloch
Roteiro Betânia Furtado
Apresentação Milton Guran
Produção Ocean Films

MILTON GURAN, em primeiro plano, fala para câmera.

GURAN: A fotografia, primeira imagem técnica que surgiu, transformou o mundo. Hoje, que vivemos na civilização da imagem, é difícil pensar que há pouco mais de 150 anos, nada disso existia. No nosso programa nós selecionamos, para cada episódio, uma imagem emblemática da história do Brasil e convidamos um fotógrafo para se inspirar nela. Vamos juntos viver a magia da fotografia e do fazer fotográfico.

[Sala]

GURAN: Hoje vamos tratar da obra de Zé Medeiros, piauiense, mexendo com foto desde os 12 anos. Rapazote, ele veio para o Rio de Janeiro. Em 46 entrou no O Cruzeiro, que era, na época, um dos principais, senão o maior órgão da imprensa brasileira, e a mais importante revista ilustrada das Américas. Lá, Zé Medeiros construiu o essencial da sua obra fotográfica. Depois se dirigiu ao cinema, foi um dos fotógrafos mais respeitados de cinema, professor da Escola de Havana. Zé tinha um olhar especial, impregnado de brasilidade. Devemos a ele uma das mais belas coleções de fotos de indígenas e de sertanejos, de cenas de cotidiano, sobretudo dos Anos Dourados. Zé nos legou pérolas visuais do que era aquele período da capital da República. E pra dialogar com Zé Medeiros nós convidamos Roger Cipó. Roger, fala um pouco sobre você.

CIPÓ: Eu nasci na periferia de Diadema. Diadema foi considerada uma das cidades mais perigosas de São Paulo por volta da década de 90. E eu venho de uma família que se organizou a partir dessa tensão, dessa tensão de violência social, e de estar nas bordas de uma das cidades mais negras do Brasil. Diadema também já foi considerada a quarta cidade mais negra do país.

GURAN: Eu acho interessante porque eu conheci o seu trabalho

navegando na internet. Você tem um blog, que é o Olhar do Cipó, em que você posta suas fotos. Você se expôs ao mundo, você apresentou o seu trabalho através das redes sociais.

CIPÓ: Quando a gente vem de uma realidade de periferia, que todos os dias são batalhas, e que a gente de alguma forma quer contar pra pessoas que não estão lá, que não conhecem os nossos problemas, o tipo de vida que a gente leva. E aí a fotografia e "barra" as redes sociais abriu esse canal de diálogo.

GURAN: Você é um fotógrafo afrodescendente. Como é que você vê essa questão de identidade, de pertencimento étnico na sua postura diante do mundo e face à fotografia?

CIPÓ: Eu me dei conta desse processo, dessa coisa da identidade negra, a partir da capoeira. Isso começou na capoeira em 97.

GURAN: Você entrou com 7 anos.

CIPÓ: É, entrei com 7 anos, e tinha pavor de atabaque, pavor de macumba.

GURAN: Você vinha de uma família católica, era isso?

CIPÓ: Eu vinha de uma família católica por osmose, eu chamo assim, porque a gente não professa a religião, ninguém vai pra missa aos domingos, mas todo mundo é obrigatoriamente batizado nos primeiros anos de vida, porque senão se torna pagão.

GURAN: Como é que você chegou ao universo das religiões afrobrasileiras?

CIPÓ: A capoeira, ela traz, também por ser uma manifestação criada pelos africanos que foram escravizados no Brasil. Então lá na capoeira eu cantava pra Iemanjá, eu cantava pra Ogum, mas se alguém me convidava pra ir no terreiro eu era o primeiro a pular fora. Mas acontece que, na adolescência, nessa coisa de curiosidade, a gente vai transpondo algumas barreiras. Depois de vários convites eu decidi ir lá conhecer. E hoje eu digo que pra mim foi um tapa na cara, assim. Eu não sei se eu decidi ficar ou se foi um chamado que eu recebi dessa ancestralidade. O candomblé é uma religião iniciática, então você é a partir do momento que você se inicia. Antes disso você é, sei lá, um apaixonado, você é um simpatizante, mas não alguém de dentro.

GURAN: Qual é o seu orixá de cabeça?

CIPÓ: Eu sou Ogã, eu sou Ogã Alabê. Alabê, ele é o cara no

candomblé ketu que é responsável pelos atabaques.

GURAN: Você ganhou o Prêmio Luiza Bairros, não é?

CIPÓ: Sim.

GURAN: Contra o preconceito. Que ano foi isso?

CIPÓ: Foi agora, o ano passado. Desde que eu comecei a me tornar esse profissional da fotografia, eu entendi também que a fotografia era esse instrumento de combate à intolerância religiosa.

GURAN: Era essa a ligação que eu queria fazer com o seu santo de cabeça.

CIPÓ: Sim.

GURAN: Quer dizer, não só o candomblé te chamou, como Iemanjá lhe chamou enquanto você está cumprindo um destino de usar a fotografia para difundir uma outra visão dos cultos afrobrasileiros.

CIPÓ: É.

GURAN: Podemos colocar assim, né?

CIPÓ: Claro.

GURAN: Porque é assim que eu vejo o seu trabalho.

CIPÓ: E essa é a proposta desse blog, do Olhar de um Cipó. Então quando eu vejo que hoje esse blog, ele tem o alcance de 800 mil seguidores, e aí também olhando pra essa problemática que é a intolerância religiosa no Brasil, que ela se dá muito pelo racismo que a gente aprende a viver, a ver na nossa sociedade...isso, pra mim, é minha missão.

GURAN: Dentre todo o trabalho do Zé Medeiros, tem um que é especialmente forte, denso, paradigmático. O Zé Medeiros foi escalado pelo O Cruzeiro para se contrapor a uma reportagem feita pelo Paris Match, uma grande revista francesa, que, vamos dizer assim, escancarou um ritual de iniciação do candomblé na Bahia de uma forma muito preconceituosa. Então O Cruzeiro resolveu dar uma resposta ao Paris Match e o Zé Medeiros foi documentar uma iniciação. Mas o Zé Medeiros se sentiu traído, porque ele achou que, no fundo, a reportagem foi também preconceituosa. A começar pelo título da matéria: Noivas de Deusas Sanguinárias. Ora... E o Zé Medeiros, então, demorou um tempo, mas ele conseguiu reverter isso fazendo um livro importante, que é o livro *O Candomblé*, que nós temos

aqui. Aliás, eu vou te mostrar algumas fotos aqui. Eu queria comentar com você algumas fotos, e sobretudo eu queria que você comentasse, porque quem entende disso aqui na verdade é você. Essa foto foi feita em 1950. Era comum se fotografar uma iniciação? Você já fotografou alguma iniciação?

CIPÓ: Não, até hoje não é comum você fotografar, por exemplo, esse tipo de ritual, que é quando o iniciado está sendo preparado para a divindade. Eu mesmo, sendo iniciado no candomblé, eu apenas fotografo a saída do iaô, que é a parte pública dessa cerimônia.

GURAN: É inacreditável que ele tenha chegado lá dentro, que ele tenha feito um registro dessa ordem. Dessa série, nós escolhemos uma imagem pra você dialogar, que é essa maravilhosa cabeça de iaô saindo de um ritual de iniciação.

CIPÓ: Uau! Isso é um desafio, né? Isso é um desafio.

GURAN: Ué, mas tu não é da capoeira, cara?

CIPÓ: Claro!

GURAN: Então. Tu não é o homem dos atabaques de Iemanjá? Vai batucar nesse coro aí.

CIPÓ: E é uma foto especial, essa, porque ela é do momento do iaô pronto para tua saída, pronto para a cerimônia pública.

GURAN: Ah, está na camarinha ainda.

CIPÓ: É. Claro que vai ser muito difícil a gente achar...

GURAN: Outra coisa dessas.

CIPÓ:...outra coisa dessas, porque é isso: quase 60 anos de imagem, de um ritual extremamente particular. É um momento muito sublime, eu vou chamar assim. E eu já estou confabulando aqui como fazer, o que fazer. Claro que a gente não vai achar uma saída de iaô, infelizmente, e participar desse momento, mas a vida em terreiro, ela com certeza vai mostrar algum momento desses que a gente pode recriar com o olhar muito próximo desse.

[INTERVALO]

[INSTITUTO MOREIRA SALLES]

MAUAD: Essa foto, ela foi uma foto bastante polêmica na cena

fotográfica dos anos 50. O Zé Medeiros já tinha experiência em relação à fotografia, mas isso causou um enorme impacto, e tem toda uma história em volta disso.

MAUAD: Roger, aqui é a Paris Match, a revista francesa onde foi publicada a reportagem do Henri-Georges Clouzot sobre os rituais de candomblé na Bahia. O Henri-Georges Clouzot é cineasta. Ele era cineasta, ele veio pro Brasil com a recém-casada mulher dele, brasileira, ele produz uma reportagem fotográfica onde o texto é extremamente preconceituoso, atribuindo o transe a doenças mentais. Existe uma sobrevalorização da morte de animal, do sangue, e essa reportagem, ela foi muito mal recebida no Brasil. E aí, o que acontece? O Cruzeiro tinha uma espécie de missão de retratar o Brasil. Foi quase que uma questão de honra a O Cruzeiro também publicar uma matéria. O Zé Medeiros, ele chega n'O Cruzeiro em 1946, com em torno de vinte e cinco, vinte e poucos anos.

CIPÓ: A minha idade quase.

MAUAD: A sua idade. E aí ele, em 51, já estava com 30 anos e já tinha um tempo na revista. Então eu acho que ele foi convocado talvez até mesmo pra aceitar o desafio. Vai pra Bahia, e aí tem várias histórias. Umás histórias dizem que ele pagou a mãe de santo, outras relatam que ela jogou os búzios e os orixás autorizaram...

CIPÓ: Sim.

MAUD: ...a cobertura fotográfica. Então ele vai, faz uma série de fotografias e vai construindo a sua versão do ritual.

MAUAD: As imagens que ele produz, elas são editadas dentro da revista.

CIPÓ: Sim.

MAUAD: Elas são cortadas. Elas estabelecem uma relação com o texto como toda fotorreportagem, que era esse jogo entre o fotógrafo e o repórter. E aí eu acho que a repercussão da reportagem dele foi uma repercussão muito negativa. Não só ele, mas a matéria, a revista, foi muito criticada, justamente porque ela estava em sintonia com o mesmo perfil da Paris Match que já havia sido criticada pelas pessoas envolvidas dentro...

CIPÓ: Sim.

MAUAD:...da prática do candomblé e não só também os estudiosos. Mas eu acho que aí a gente tem uma outra preciosidade aqui, que foi publicada pelas Edições O Cruzeiro.

CIPÓ: Esse foi o pedido de desculpas de José Medeiros?

MAUAD: Não sei se um pedido de desculpas, mas acho que é uma reparação. Aí você já tem todo um conjunto de estratégias que permite essa perspectiva autoral. Aqui você vê, observa direitinho como ele vai produzindo a narrativa do evento. Imagens que revelam o ritual devem apresentar esse ritual na sua máxima completude, não descontextualizando o ritual. Toda a página é a imagem. Então você não tem nenhum texto sangrando a imagem. Tem essa dimensão cinematográfica...

CIPÓ: Sim.

MAUAD: ... que eu costumo dizer, que essa coisa, a entrada da câmera...

CIPÓ: É.

MAUAD: ...ela dá um, ela faz um...

CIPÓ: ...um passeio.

MAUAD:...um passeio. Não é à toa que depois o Zé Medeiros foi pro cinema. Ele faz a fotografia de filmes bastante importantes.

[CASA DE WALTER CARVALHO]

WALTER: Esse aqui é o Zé Medeiros, esse aqui sou eu. Não parece mas é, cabeludo. Está aqui, ó. Eu e ele marcando o foco numa Zoom 25-250 Angenieux, numa Arri II-C, com Blimp Arri, que era pra não fazer barulho. Temos aqui a continuísta sentada, eu estou aqui em pé, o Zé está aqui do lado, e aqui está a cabeça do Antonio Luis, que também era assistente do Zé, nós éramos os assistentes. O Zé, ele foi parar no cinema em um momento que não era moda fazer cinema. E havia um grupo de pessoas que gravitavam em torno da mesma ideia, que era a ideia que depois passou a se chamar Cinema Novo. O Zé não era, do ponto de vista do fotógrafo de cinema, um diretor de fotografia ficcionista. Ele tinha todas as características de um fotógrafo vindo exatamente da imprensa. Ele tinha a esperteza de um documentarista, do jornalista. O Zé era capaz de pegar um refletor e jogar pro teto, pra um teto branco, e fazer uma cena de ficção, de emoção. E eu pude ver isso como assistente. Eu fui ser assistente dele pra aprender. Eu diria assim, até pra roubar mesmo a ideia de como você ilumina a trajetória de um personagem em cena.

CIPÓ: Walter, o que precisa ter uma fotografia que dialogue com o Zé Medeiros?

WALTER: Eu acho que o Zé é um fotógrafo humanista. As fotografias de Copacabana, as fotos do candomblé, as fotos de pessoas. A câmera te ensina a ver sem câmera. O Zé era esse fotógrafo. O que quer dizer isso? Quer dizer que você olha primeiro. Olhar primeiro significa entender o objeto na sua plenitude. E esse objeto, na sua plenitude, só de um ponto de vista ele se revela, ou ele transcende, ou ele traz um mistério que atrai você para aquela foto. O Zé tinha esse olho. Ou seja, fotógrafo não é a câmera, não é o lugar em que você está, porque não é você que encontra a foto, a foto é que te encontra.

[INTERVALO]

[TERREIRO DA MÃE ROSIANE]

(Cipó cantando)

CIPÓ: Em 2005 eu estava na Noruega nesse workshop e intercâmbio de capoeira e aí surgiu a oportunidade de comprar a minha primeira câmera. E foi quando eu comecei a fotografar as coisas que eu via, que eu sentia, a minha forma de ver o mundo. A história da fotografia na minha vida também anda paralela com a chegada do candomblé. Então acabei trazendo a fotografia para dentro do terreiro porque também era algo que eu vivia, e é uma imagem que é extremamente atraente. E acho que é nesse momento que eu decido ser Roger Cipó, e eu trago o nome da capoeira. E a capoeira tem isso, ela te dá uma identidade. Você constrói uma identidade a partir disso.

(Cipó cantando)

CIPÓ: Rosiane, como toda mulher de Iemanjá, é a mãe que eu achei aqui no Rio, tem me acolhido na casa dela sempre e a gente tem criado uma amizade muito forte.

CIPÓ: Mãe Rosiane.

ROSIANE: ô, meu pai. Sua bênção.

CIPÓ: Bênção.

ROSIANE: (ininteligível)

ROSIANE: Arroboi oxumarê. Arroboi.

ROSIANE: Saúde, felicidade...

MULHER: Axé.

ROSIANE: ...vida longa, vida próspera, vida em abundância.

TODOS: Axé.

CIPÓ: Será que eu poderia colocar a esteira da senhora...

ROSIANE: Claro, pai.

CIPÓ: ...ali? E a senhora vai ser minha modelo hoje.
(ininteligível)

(Mãe de santo cantando)

CIPÓ: Olha pra mim.

ROSIANI: Está com a menina recolhida. Deixa eu só...

CIPÓ: Sim, senhora.

ROSIANE: ...cumprir os preceitos.

ROSIANE: Vem, paizinho.

CIPÓ: A gente está num lugar que não é a camarinha, o roncó, que o José Medeiros estava quando ele fez aquela série. A gente está na cozinha, na cozinha do terreiro. A gente está, de certa forma, entrando um pouco na rotina da iaô. Essa, em especial, está saindo do período de iniciação, está cumprindo o que a gente chama de cumprir o preceito. Tem as restrições do preceito, que é não consumir bebida alcoólica, não manter relações sexuais, uma série de restrições de alimentação, de comportamento, da própria vestimenta, mas já é um contato que a gente pode ter. Eu estou inspirado pela obra dele, acho que eu tenho mergulhado mesmo no que ele fez, lido muito. Então acho que é isso, a gente emana energia e atrai essa energia. Então tem um pouco de Medeiros rolando aqui nesse lugar, com certeza.

[escritório do GURAN]

GURAN: E aí, Roger, como é que foi lá?

CIPÓ: Fazer essa foto foi uma história. Eu tinha uma leitura, e um monte de informação dessas conversas com essas pessoas. Essa coisa de ir pra cachoeira, de sentir isso, de vivenciar aquela oferenda que aconteceu naquele momento, e depois voltar pro terreiro e encontrar iaô, acho que aí a coisa foi se costurando, e talvez foi nesse momento que José Medeiros chegou.

GURAN: Mostra a foto.

CIPÓ: Está aqui pra você.

GURAN: É uma beleza de foto, viu? É uma beleza de foto. Realmente, o estado de concentração dela é absurdo.

CIPÓ: O período de iniciação é um período muito introspecto, então ela está em um outro tempo, uma outra dimensão.

GURAN: É muito bonito essas mãos postas, esse aqui é um círculo de poder, a energia gira, isso aqui faz um triângulo. Vamos ver a do Medeiros, você tem aí à mão?

CIPÓ: Claro, trouxe ela.

GURAN: Você veja, na foto do Medeiros temos o mesmo abandono, que na verdade não é um abandono, é uma introspecção. Também tem o mesmo triangular. Eu queria dizer mais uma coisa pra você. O Zé Medeiros, que é conhecido como o olhar da brasilidade, era mestiço como todo brasileiro, mas ele não era negro. Ele tinha muito respeito pelo candomblé, pela cultura negra, mas ele não era iniciado. Então eu acho que você, como um afrodescendente, iniciado, você mergulhar na obra do Medeiros, e você buscar inspiração para traduzir agora para nós a energia, o respeito, a magia, o axé disso que está aqui, olha, cara, são coisas assim que eu acho que fazem o Brasil melhor, sabe?

GURAN: O Brasil tem que avançar no sentido do respeito à cultura afrobrasileira, entender que todos nós fazemos parte disso, e que os afrodescendentes são protagonistas do seu destino. Isso é o que você mostrou pra gente aqui, agora. Então olha, cara, você está de parabéns, viu?

GURAN: (olhando para a câmera) Bem, Instantes Cruzados Cruzados termina aqui. Até o próximo programa.